



Civilização e Contemporaneidade

JUDÔ: CAMINHO SUAVE OU CAMINHO DA VITÓRIA? ARTE MARCIAL QUE SE ESPORTIVIZOU OU ESPORTE QUE SE TORNOU ARTE MARCIAL?

Douglas Cassiano de Castro Pinto¹
Raphael Artiaga de Carvalho
Sergio Servulo Ribeiro Barbosa²
Marcus Vinicius Patente Alves³
UNITRI
sergiobarbosa6@gmail.com

Resumo: O tema do artigo é Judô: arte marcial que se esportivizou ou esporte que se tornou arte marcial? O problema que se coloca é saber se o judô é uma arte marcial que se esportivizou ou se já nasceu como uma modalidade esportiva moderna? O objetivo geral do presente artigo foi identificar o processo de esportivização do judô, buscando compreender como essa possível arte marcial se transformou em esporte. A pesquisa se constituiu de uma revisão bibliográfica. Como considerações finais, entendemos que o equívoco ao citar o Judô como arte marcial.

Palavras-chave: Judô; arte marcial; esporte.

Abstract: The main theme of this article its: Judo: the martial arts that become a sport or a sport that turn in a sport? The main objective of this article is to find out how the judo become a sport and understand how this can happened. The research is based on a bibliography revision. In the last part we understand why judo is named as a martial art.

Keywords: judo, martial art, sport

Introdução

Desde a pré historia o homem se utiliza do corpo para conseguir sua sobrevivência, ora para conseguir seu alimento através da caça e colhendo vegetais ou travando combates com outros homens em defesa de seu território ou mesmo se defendendo de moléstias. Neste processo o homem desenvolveu maneiras sistemáticas de uso das habilidades corporais tais como correr, saltar, rolar, agarrar, dentre outras. Na evolução da espécie tanto em sentido físico como social. Tais habilidades foram sendo aprimoradas e reunidas em programas específicos voltados em alguns momentos para a defesa de sua individualidade ou de conquistas de benefícios para a coletividade.

O ato de travar combates físicos com outros seres humanos ao longo da historia foi assumindo significados distintos, isso de cultura para cultura ate os dias atuais onde a necessidade deu lugar ao entretenimento, espetáculo, ou seja, esportes de combate.

Diante disso Alves (2008) citou:

¹ Licenciados em Educação Física pelo Centro Universitário do Triângulo - UNITRI

² Orientador. Professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI e da Faculdade Atenas – Paracatu/MG.

³ Co-orientador. Professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário do Triângulo - UNITRI

Fazendo uma leitura da historia da humanidade e mesmo da educação, fica evidenciado como as lutas e mesmo os esportes de combate, sempre tiveram ligação com a cultura corporal humana. Com o passar dos tempos e com o desenvolvimento da civilização, estes ensinamentos foram disseminados ora informalmente, ora academicamente. (p.11)

Com a evolução das civilizações foram surgindo formas sistematizadas e diferenciadas de combates corporais a ponto destas formas assumirem caráter de estilos de vida baseados em filosofias que agregavam valores e atrelavam um numero significativo de pessoas a fim de organizar grupos de combate para defesa das nações. Aí citamos os samurais, os espartanos, os mouros entre outros grandes guerreiros conhecidos pela historia da humanidade. No entanto com o advento da ciência novas formas de se combater foram criadas, substituindo o combate corporal por armas de fogo.

Todo esse cenário histórico levou a mudança do significado do combate corporal, diminuindo a aplicação e a eficácia da habilidade física organizada em modalidade de luta ou combate, relegando aos aparatos espada, bastão, arco e flecha apenas a prática esportiva ou de simples lazer.

Em determinadas nações os combates corporais ou lutas passaram a ter significado determinado como mencionado anteriormente a um conjunto de valores e de significação filosófica, esse é o caso das artes marciais e em nosso estudo de maneira mais especifica o Judô, criado e idealizado mediante uma estrutura social bem distinta onde o combate corporal em prol da defesa do individuo ou da nação já não era mais necessário, pois nasce com a intenção de ser segundo seu fundador uma Educação Física Integral.

O judô como arte marcial ou como esporte de combate, ganha e perde significação e valores, desqualifica-se em alguns momentos a filosofia em prol do resultado esportivo e em relação a este movimento civilizatório que tentaremos elucidar de que maneira o Judô se porta diante da sociedade que em se tratando de modalidade esportiva considera fundamental o treinamento e o rendimento em prol do espetáculo esportivo.

O termo “sport” era usado na Inglaterra para designar uma variedade de passatempos e divertimentos, inicialmente ao conjunto de passatempos realizados primeiro na festa de Natal, da realeza. Com o passar dos tempos o termo “desporto” passou a ser padronizado como um termo para formas mais específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel – formas específicas de um tipo de recreação que se desenvolveu primeiro na Inglaterra e que, a partir daí, se espalhou por todo o mundo. (ELIAS e DUNNING, 1985, p.: 223)

Elias e Dunning (1985) vão designar o processo de transformação dos jogos em esporte a partir de um processo que ele vai denominar de “esportivização”. Este processo vai ter uma relação com outros processos interdependentes – como a mudança nos modos de produção econômica e a conseqüente Revolução Industrial - que vão desencadear numa transformação global das sociedades-estado, nos tempos recentes.

Diante de tantas contradições, o problema que se coloca é saber se o judô é uma arte marcial que se esportivizou ou se já nasceu como uma modalidade esportiva moderna? Os princípios do judô idealizado por Kano são seguidos na pratica esportiva do judô? (judô moderno) No judô moderno não são trabalhados os princípios idealizados pelo fundador?

O objetivo geral do presente artigo é identificar o processo de esportivização do judô, buscando compreender como essa possível arte marcial se esportivizou ou nasceu como pratica esportiva. Como objetivos específicos temos: conhecer o surgimento do judô; relacionar o processo civilizatorio com o surgimento dos esportes de combate; analisar a pratica contemporânea do judô; confrontar os valores do judô tradicional com os valores adotados pelo judô moderno.

O Surgimento do Judô

O intuito deste tópico é dar base para a elaboração do esboço histórico do Judô criado por Jigoro Kano e não se atentar a fatos estritamente ligados a vida pessoal do mesmo, pretendemos discorrer sobre as razões que levaram a criar esta forma de manifestação corporal baseada em princípios técnicos do jujutsu adaptada para uma forma de educação física e com princípios filosóficos de paz e superação.

O Judo (柔道 *Juu Dou* - "caminho suave", em japonês) foi então fundado por Jigoro Kano em 1882 e em fevereiro deste ano, Kano inaugura sua primeira escola denominada Kodokan (Instituto do Caminho da Fraternidade). O jovem professor não tinha dinheiro mas a escola progrediu e em breve tornou-se célebre. O Judô foi considerado desporto oficial no Japão nos finais do século XIX e a polícia nipônica introduziu-o nos seus treinos. O que Kano ensinava diferia-se das demais escolas de artes marciais pois, buscava a retomada das questões morais, intelectuais e até mesmo aprimoramento físico através de uma educação integralista. Sua técnica utiliza basicamente a força e peso do oponente contra ele. Palavras ditas por mestre Kano para definir a luta: "arte em que se usa ao máximo a força física e espiritual".(Wikipedia, 2008)

A vitória, ainda segundo seu mestre fundador, representa um fortalecimento espiritual. Jigoro Kano, em 1898, em uma de suas conferências disse:

Eu estudei jujutsu não somente porque o achei interessante, mas também, porque compreendi que seria o meio mais eficaz para a educação do físico e do espírito. Porém, era necessário aprimorar o velho jujutsu, para torná-lo acessível a todos, modificar seus objetivos que não eram voltados para a educação física ou para a moral, nem muito menos para a cultura intelectual. Por outro lado, como as escolas de jujutsu apesar de suas qualidades tinham muitos defeitos - concluí que era necessário reformular o jujutsu mesmo como arte de combate. Quando comecei a ensinar o jujutsu estava caindo em descrédito. Alguns mestres desta arte ganhavam a vida organizando espetáculos entre seus alunos, por meio de lutas, cobrando daqueles que quisessem assistir. Outros se prestavam a ser artistas da luta junto com profissionais de sumô. Tais práticas degradantes prostituíam uma arte marcial e isso me era repugnante. Eis a razão de ter evitado o termo *jujutsu* e adotado o do judô. E para distingui-lo da academia Jikishin Ryu, que também empregava o termo *judô*, denominei a minha escola de Judô Kodokan, apesar de soar um pouco longo. (Wikipédia,2008)

Jigoro Kano desenvolveu as técnicas de amortecimento de quedas (*ukemis*), bem como criou uma vestimenta especial para o treino do judô (o judogui), pois o uniforme utilizado pelos cultores de jujutsu, denominado *hakamá* provocava frequentemente ferimentos. A nova arte do mestre tinha duas formas distintas, uma abrangia as técnicas de queda, imobilizações, chaves e estrangulamentos. Essa forma evoluiu para o esporte e a outra parte consistia nas técnicas de golpear com as mãos e os pés, em combinações com agarramentos e chaves para imobilização, inclusive ataques em pontos vitais, essa forma evoluiu para a defesa pessoal. Desta forma Kano modificou o tradicional jujutsu, unificando os diferentes sistemas, transformando-o em um poderoso veículo de educação física.

Pessoa de alta cultura geral também era poliglota, pois falava quatro línguas além do japonês, francês, alemão, inglês e espanhol além de um esforçado cultor do jujutsu. Procurando encontrar explicações científicas aos golpes, baseados em leis de dinâmica, ação e reação, selecionou e classificou as melhores técnicas dos vários sistemas de jujutsu, juntamente com os imigrantes japoneses dando ênfase principalmente no ataque aos pontos

vitais, nas lutas de solo e nos golpes de projeção. Inseriu princípios básicos como os do equilíbrio, da gravidade e do sistema de alavancas nas execuções dos movimentos lógicos.

Estabeleceu normas a fim de tornar o aprendizado mais fácil e racional. Idealizou regras para um confronto esportivo, baseado no espírito do *ippon-shobu* (luta pelo ponto completo). Procurou demonstrar que o jujutsu aprimorado, além de sua utilização para defesa pessoal, poderia oferecer aos praticantes, extraordinárias oportunidades no sentido de serem superadas as próprias limitações do ser humano. Desta forma Kano se inspira em 3 princípios na idealização do judo:

Princípio da Máxima Eficácia do Corpo e do Espírito

É ao mesmo tempo a utilização global, racional e utilitária da energia do corpo e do espírito. Jigoro Kano afirmava que este princípio deveria ser aplicado no aprimoramento do corpo. Servir para torná-lo forte, saudável e útil. Podendo ainda ser aplicado para melhorar a nutrição, o vestuário, a habitação, a vida em sociedade, a atividade nos negócios na maneira de viver em geral. Estando convencido que o estudo desse princípio, em toda a sua grandeza e generalidade, era muito mais importante e vital do que a simples prática de uma luta.

Princípio da Prosperidade e Benefícios Mútuos

Diz respeito à importância da solidariedade humana para o melhor bem individual e universal. Achava ainda que a idéia do progresso pessoal devia ligar-se a ajuda ao próximo, pois acreditava que a eficiência e o auxílio aos outros criariam não só um atleta melhor como um ser humano mais completo.

Princípio da Suavidade (*Ju*).

Ju ou suavidade, é o mais diretamente físico, mas que no entender de Jigoro Kano deveria ser levado ao plano intelectual. Ele mesmo nos explica este terceiro princípio durante um discurso proferido na University of Southern Califórnia, por ocasião das Olimpíadas de 1932: (Wikipedia, 2008)

Em 1909 tornou-se o primeiro japonês membro do comitê olímpico internacional. Modificou os estatutos do Kodokan, tornando-o uma entidade pública. Lamentavelmente a 04 de maio de 1938, morre Jigoro Kano de febre amarela, a bordo do transatlântico "Hikawa Maru", quando voltava do Cairo, onde havia presidido a assembléia geral do comitê internacional dos jogos olímpicos. (DEL VECCHIO e MATARUNA, 2004)

O Processo Civilizador das Lutas

Em seu trabalho sobre a gênese do esporte moderno Norbert Elias discorre sobre diversas influências da sociedade na relação da mesma com o fenômeno esportivo, cabe para nos salientar como estas relações se dão com as lutas, como as artes marciais sejam coreanas, chineses ou japoneses se tornaram esporte de cunho olímpico e como o processo civilizador influenciou tal transformação.

Durante muito tempo o termo esporte, ou desporto, foi usado para designar uma variedade de passatempos, divertimentos e atividades lúdicas. No transcorrer do tempo, o signo desporto passou a ser utilizado como um termo para formas específicas de recreação na qual o desempenho físico desempenhava papel fundamental com a instituição de regras específica, mas nem sempre claras para manter as disputas sob controle. (ELIAS e DUNNING, 1985)

No momento da revolução industrial na Inglaterra as pessoas pareciam associar a forma como usufruíam seu tempo livre ligadas ao que se classificava como desporto, é salutar que as pessoas trabalhavam de maneira mais organizada, ou melhor, dizendo mais civilizada e assim por consequência organizava de maneira diferenciada o seu tempo livre,

logo que em geral a sociedade estava se modificando e se tornando mais voltada a formas organizadas e regimentadas de vida individual e coletiva sobre tal observação STAREPRAVO, NUNES (2005) comentam:

A difusão a partir da Inglaterra de modelos de produção industrial, de organização, de trabalho e das formas de ocupação do tempo livre do tipo conhecido como desporto foi notável. Parece razoável imaginar que as formas segundo a qual as pessoas utilizavam seu tempo livre seguiram de mãos dadas com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam. (p. 02)

Diante disso é possível e ate mesmo pertinente dizer que a industrialização e o fenômeno ou movimento sócio-cultural da esportivização foram coincidentes de uma transformação das sociedades Européias e por derivação de outras sociedades. A historicidade deste processo nos leva a refletir que esse momento da evolução social da humanidade fez emergir diante do caos social vigente naquela época a necessidade de todos ou a maior parte dos indivíduos serem mais regulares e dotados de comportamentos mais estáveis e retidos quanto a trabalho e comportamento hostil/bélico, retornando a obra de STAREPRAVO, NUNES (2005) reforçamos tal reflexão:

É possível que, tanto a industrialização como a desportivização, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades européias, que exigia de seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamento. [...] considerando o esporte como consequência/produto do processo de civilização que a sociedade européia começou a sofrer a partir do século XV. (p.02)

Os modelos de comportamento social de conduta e de sensibilidade foram segundo ELIAS e DUNNING, (1985) se tornando mais rígidos, em particular nas classes sociais mais favorecidas banindo excessos de punição e de complacência. Ainda conforme o autor Erasmo de Roterdão lança mão de um termo novo, o termo civilidade, que mais adiante deu origem ao verbo civilizar, explicativo de todo o processo do qual as sociedades passaram após o surgimento da nova ordem de produção, as sociedades foram sendo modificadas e dessa forma o comportamento dos indivíduos também, dando origem, por conseguinte ao termo “*processo civilizador*”.

Conforme supracitado as formas de conduta e de sensibilidade dos indivíduos foram sendo lapidados e os direcionamentos desta nova forma de comportamento primaram pela sensibilidade em relação à violência, esta foi sendo aos poucos banida ou pelo menos de maneira regulamentar das praticas desportivas da época, é aqui que chegamos ao ponto em que as lutas passam a ganhar novas formas de regulamentação, ganham aqui a sua civilidade, o seu caráter esportivo, seu fundo normativo, começando pelo pugilato que ganha regras e proteções para as mãos e punhos, os golpes com as pernas e nas partes baixas são excluídos da pratica, STAREPRAVO, NUNES (2005):

[...] A mesma mudança de orientação pode ser verificada no boxe. As formas mais antigas de pugilismo não eram totalmente desprovidas de regras. Porém, os punhos eram desprotegidos e muitas vezes as pernas eram utilizadas nas lutas. A luta assumiu as características de desporto pela primeira vez na Inglaterra com a introdução de regras que limitavam os danos físicos aos adversários, eliminando o uso das pernas nos combates. Além disso, o aumento da sensibilidade foi verificado

com a introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolhimento destas, para amenizar os danos físicos aos adversários. (p. 03)

As regras que foram sendo criadas se caracterizavam basicamente por dar ao desporto moderno “regras escritas; sanções intra-jogo bem definidas; presença de árbitros para conduzir as disputas; órgão centralizador de elaboração e fiscalização das regras” STAREPRAVO, NUNES (2005). O regulamento de regras, inclusive às orientadas pelos sentidos de justiça, de equilíbrio de oportunidades de vitória para todos os praticantes, tornou-se devidamente mais severo. As regras passaram a ser mais rigorosas mais explícitas e mais diferenciadas. Em outras palavras, sob a forma de desportos, os confrontos atingiram um nível de ordem e autodisciplina nunca alcançadas até então. Além disso, as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos STAREPRAVO, NUNES (2005).

Aqui podemos afirmar que as integridades físicas dos praticantes sejam de lutas ou de outros modelos de atividades desportivas ganham importância, logo que as restrições à aplicação de força física, o controle sobre a brutalidade e ao ato de impor sofrimento e até mesmo de matar, passam a ser excluídos dos esportes e daí surge o impulso de civilidade das sociedades humanas em todos os aspectos.

As artes marciais e/ou esportes de combate hoje, constituem-se em atividades que, em sua maioria, respondem como modalidade esportiva, devido ao fato de serem tratadas como mercadoria, sendo expostas em diversos formatos de mídia, em sua grande maioria de casos de maneira superficial, sem a transmissão ao público expectador do significado cultural e filosófico que muitas dessas modalidades possuem em sua terra de origem. O Judô como esporte e/ou como definiu seu fundador Jigoro kano uma Educação Física Integral pode também estar passando por tal depreciação que será discutida nos tópicos seguintes, PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) explanam sobre esse fenômeno no trecho citado a seguir:

O aumento da divulgação dessas atividades em forma de transmissões de campeonatos, contratação de comentaristas especializados, demonstrações de técnicas em novelas e filmes é um dos fatores visíveis que aumenta a oferta deste “produto específico”. A falta de compreensão do público, associada às informações superficiais advindas dos meios de comunicação e de grande parte da bibliografia referente às artes marciais, contribui de maneira efetiva para a manutenção e o distanciamento do público a estas atividades. Veículos de comunicação, como a TV, principalmente em formatos de filmes, tratam destas manifestações corporais como atividades de características místicas e transcendentais, repletas de movimentos extraordinários, por sua vez, marginalizando os processos históricos e sociais que contribuíram para a formação desta estrutura. As artes marciais, neste caso, as do extremo oriente¹, configuram-se em atividades de alto valor cultural devido as suas histórias particulares datadas de milhares de anos. (p.02)

A partir de todo o processo de racionalização do pensamento, da produção industrial, do comportamento humano e da aplicação de violência. Da substituição do misticismo ao racionalismo material e mercadológico, induzido pelo capitalismo, as artes marciais/esportes de combate em voga às originadas no Extremo Oriente, passam a ter valor mercadológico, aqui os princípios fundamentais de sua criação passam a dar vazão a um conglomerado de ações que distorcem a fundamentação filosófica e a doutrinação religiosa originada em grande parte do budismo e do confucionismo, por uma frenética e

até certo ponto exagerada espetacularização das artes marciais/esportes de combate, essas que haviam sido criadas a *priori* com finalidade beligerante de defesa do território ou da nação e da honra pessoal passam agora a ser motivo de obtenção de lucros PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) confirmam nossa observação:

A partir de um processo de evolução na estrutura do pensamento, do místico ao racional (que contribuiu para um processo de secularização das atividades corporais e conseqüentemente das artes marciais), do avanço do capitalismo (culminando em processos de valorização das atividades físicas como produtos específicos voltados para a acumulação de bens econômicos) e, conseqüentemente, de um crescente aumento da veiculação das atividades físicas nos meios de comunicação, as artes marciais, atividades criadas com fins inicialmente bélicos, adquiriram características de esporte, ou seja, visam a competição, a rivalidade, os benefícios extrínsecos e a vitória a qualquer preço. Tais características desvinculam-se dos objetivos primos dessas artes orientais, uma vez que sua essência é fundamentalmente religiosa. (p.02)

Diante da assertiva dos autores citados, observamos que o processo civilizador levou as artes marciais/esportes de combate a uma descaracterização. O Judô como nosso objeto primário de estudo não ficou de fora desse processo. Utilizando-se novamente do referencial teórico de Norbert Elias e Eric Dunning, procedemos à análise da evolução do Judô para os processos de monopolização de propriedade, violência e tributação para distinguir a formação de uma constante interdependência que, por sua vez, influenciou a formação de instituições de ordens cada vez mais hierarquizadas, burocratizadas e interdependentes tornando seus valores mais “sérios”, tomando ainda o padrão investigativo de PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) atingimos a clareza de pensamento para delinear a transformação que esta Educação Física Integral por muitos denominada de “arte marcial” passou.

Analisando a processo histórico de criação do Judô e toda sua trajetória ao longo do tempo e de seu criador podemos identificar marcos que definem que a arte marcial/esporte de combate em questão passou e passa por uma ruptura dos valores filosóficos, éticos, religiosos e ate mesmo de cunho físico e técnico em detrimento de uma espetacularização, na qual se insere segundo PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) a “manifestação corporal para um esporte de valores capitalistas de rendimento praticado hoje... inserido no quadro oficial de modalidades olímpicas”. O que deveria ser uma pratica física voltada ao bem estar e ao aperfeiçoamento de cada individuo praticante tomando parte dos princípios postos por Jigoro Kano, dá lugar a uma pratica física dotada de uma infinidade de estruturas e subgrupos que o tornam algo que sua criação não determinava, Eric Dunning (1979) citado em PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) fala sobre isso:

[...] o esporte adquiriu uma possível seriedade, transformou-se em uma instituição repleta de dirigentes, técnicos, relações públicas, administradores e publicitários, que em número, muitas vezes, ultrapassam a quantidade de atletas. (p.03)

ELIAS e DUNNING (1985) - fala sobre tal estruturação do esporte atribuindo tais características a um processo que segundo nosso entendimento pode ser de certa forma involuntário e ate mesmo inconsciente, Elias dá a esse processo o nome de um “*processo evolutivo social cego, não planejado de longa duração*” e o explica da seguinte maneira:

[...] não constitui o resultado de ações intencionais de qualquer indivíduo único ou grupo, mas antes, o resultado inesperado do entrelaçar de ações intencionais dos membros de vários grupos interdependentes, ao longo de muitas gerações. (p.301)

Em se tratando da perda da essência, da fundamentação legítima das artes marciais/esportes de combate ou do judô em caso específico concordamos com PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005), quando recorrem aos escritos de Musashi – o maior de todos os samurais – quando o mesmo fala das artes marciais como algo que deveria ser tratado como parte da vida, como algo que teria a utilidade tão vital quanto à ação de preparar o alimento ou de simplesmente cuidar de nossa higiene pessoal, ou seja, a arte marcial e não o esporte de combate praticado hoje deveria ser fundamental na vida das pessoas e estas deveriam se atentar de sua utilidade.

Encontrar o caminho que exemplifique de maneira bem clara a ruptura dos preceitos originais das artes marciais aos esportes de combate contemporâneos e do desapego em detrimento do apego material determinam a nuance primária de como as artes marciais e o judô em si deram lugar ao esporte, ou melhor, ao espetáculo a cultura do efêmero espírito da lucratividade e da agregação dos valores de produção. Aqui também é primordial apontar que a filosofia budista perde espaço quando as artes marciais se convertem em esporte, pois os praticantes que até então se auto-caracterizavam como guerreiros praticantes de um “*DO*” – Caminho das artes marciais – debelam o desapego muito apregoado pelos preceitos budistas sobre isso PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) comentam:

Os artistas marciais pregam o desapego com o fim de dominar suas aptidões especiais, e de certa forma o guerreiro que sofreu uma derrota mortal na batalha pode nada mais ter além do desapego como último recurso, uma vitória pessoal final. (p.05)

Os mesmos autores afirmam que em dado momento a necessidade belicosa foi substituída pela necessidade da produção industrial. A opção do treinamento corporal visando à abstração do mundo pela elevação espiritual – características das artes marciais orientais – foi sendo abandonada para dar lugar à valorização do treinamento metódico, calculado, visando vitórias no campo esportivo e a utilização da imagem do atleta vitorioso como meio de ganhos monetários, PIMENTA e MARCHI JUNIOR. (2005)

O desenvolvimento de um lado espiritual pela arte marcial torna-se uma busca secular de apropriação de títulos e bens objetivos e simbólicos, encontrando no esporte o meio funcional para tal, deixando seus praticantes e admiradores confusos quanto à transmissão dos valores religiosos filosóficos orientais associados aos treinamentos físicos, metódicos e racionais exigidos pelo esporte de alto nível. (p. 11)

A ciência de um campo esportivo, associada à idéia das teias de interdependência, trás a noção de movimento aos campos sociais, desta forma tem-se os agenciadores de capitais que, além de encontrarem-se constantemente em conflitos por ganhos de lucros, permanecem na dependência das atitudes de outros agentes, pois dada a complexidade da estrutura de seus campos sociais, cada movimento em seu interior acarreta uma consequência, negativa ou positiva, a partir do ponto de vista social em que se encontra determinado agente.

A interdependência entre os sujeitos dá formato ao que Elias citado em PIMENTA e MARCHI JUNIOR (2005) como teia de interdependência onde todos, mesmo que não

estejam cientes de sua existência, são dependentes das ações de cada um. Como em um tabuleiro de xadrez onde cada ação representará uma consequência específica, as ações individuais representam reações peculiares, dadas as complexidades da divisão do trabalho e a interdependência entre os indivíduos:

[...] como em um jogo de xadrez, cada ação decidida de maneira relativamente independente por um indivíduo representa um movimento no tabuleiro social, jogada, por sua vez acarreta um movimento de outro indivíduo – ou na realidade, de muitos outros indivíduos [...]. (p.11)

A análise de Elias fornece o alicerce sociológico para a compreensão de processos responsáveis pela sistematização de controles que suscitaram a formação dos Estados caracterizados pela uniformização das atitudes dada à constante interdependência entre os seres sociais e nos remete a reflexão de que todo o sentido que se dá a um determinado fenômeno deve ser pensado e atribuído a devida importância, pois as ações individuais prejudicam ou valorizam a coletividade diante das causas e das razões.

O Judô Moderno

Com o fenômeno desportivo moderno a até então arte marcial Judô se caracteriza cada vez mais como um esporte de alto rendimento onde parece não haver preocupação filosófica e nem da prática dos princípios propostos por Kano em sua criação como sistema de educação física integral. O Judô praticado hoje se mostra cada vez mais competitivo e egocêntrico onde os senseis (professores) fazem um treinamento totalmente voltado para a busca de resultados ignorando os valores intrínsecos do DO – Caminho - ou seja, uma busca pela vitória sobre o outro através da técnica e com muito uso de força física cada vez se distanciando mais da proposta de Kano sobre o “caminho suave”. Desta forma a busca do desenvolvimento espiritual e aperfeiçoamento técnico são desprezados e às vezes até considerados desnecessários para os dias de hoje dando espaço apenas a aspectos superficiais do treinamento e entretenimento. A preocupação com a parte técnica, com a competição e com o entretenimento que estão envolvidos no judô moderno é tão grande que modificações nas regras atuais levaram o atleta a procurar vencer através de provocar o adversário a cometer penalidades. Atletas, “professores”, técnicos e dirigentes gesticulam para os árbitros em favor de penalidades que lhes favoreçam, ou então comemoram acintosamente, vangloriando se de vitórias conseguidas através de penalidades ou por uma simples decisão dos árbitros. Em algumas lutas dos últimos Jogos Pan-americanos já vimos cenas de técnicos e atletas em acesso de descontrole emocional tanto em derrotas quanto em vitórias. Em relação à técnica não existe mais a preocupação em vencer através da aplicação da técnica perfeita: o Ippon. Em seu artigo intitulado – O Judô Moderno – BORGES (2007) cita:

Não é mais necessário nem tentar o Ippon! Durante o treinamento parece ser suficiente orientar e praticar somente as técnicas para arremessar o adversário sentado ou sobre os joelhos, se é que podemos chamar isso de técnica. Nos treinamentos não se praticam mais os fundamentos, tão importantes em qualquer modalidade, para os desenvolvimentos cognitivos, técnicos e físicos do atleta. Em competições, até campeões de todos os níveis, iniciam uma luta em disputa pela pegada que é um contra senso, pois o judogui foi criado para que você tenha o adversário nas mãos.(p. 02)

O advento das competições sistematizadas e voltadas para as questões de hegemonia e para a obtenção de lucros das marcas agregadas acaba por impor ao judô uma

gama de modificações que contrastam com a preocupação em se desenvolver a técnica perfeita, a espiritualidade e a moral, BORGES (2007) fala sobre os efeitos da competição no Judô.

A competição acabou impondo limitações para o progresso técnico e o desenvolvimento pessoal, e continuando assim, o judô acabara perdendo sua essência. Muitos atletas excelentes competidores, deixam a desejar como conhecedores e praticantes do verdadeiro Judô. (p. 03)

No afã de proceder a formatação do esboço do cenário criado pelo judô moderno vamos a seguir tentar estabelecer o contato do que foi modificado, classificado aspectos como tradicionais e atuais e assim determinar as possíveis razões de algumas das tantas mudanças do Judô.

Confronto de Valores: Original x Atual

Aqui tentaremos debater sobre a relação existente entre o Judô atual e aquele que um dia foi o ideal de vida de Jigoro kano. Nesse ponto de nossa revisão temos alguns aspectos que podem perpassar toda a reflexão feita até aqui e demonstrar que o processo civilizador e a integração atual das nações trouxeram uma serie de possíveis modificações do Judô.

Importante fator de exemplificação de que o Judô esta sendo trabalhado de maneira distinta daquela idealizada, é a distinção entre ser judoca e lutador de judô, já que ambos podem ser um só ou cada qual com sua determinação, no momento em que vencer competições, bater os adversários a todo custo e principalmente valorizar o desempenho físico em detrimento do ideal filosófico da modalidade, o ser judoca fica de lado. Os fatores reconhecidos por muitos como os benefícios do judô para todos os indivíduos – a disciplina – para muitos competidores já é um reflexo de que não se observa corretamente os ensinamentos do judô, pois muitos definem tal disciplina tão aplicada nos dojos como limitadora uma forma de tolher o praticante e até mesmo de torná-lo fraco, no entanto o equivoco se mostra evidente, pois como SANTOS (2006) afirma a disciplina ajuda a forma diversas das qualidades que um grande campeão necessita para ser aclamado e lembrado enquanto atleta e depois de ter sua carreira encerrada, para tanto citamos o trecho:

A disciplina era trabalhada nos dojôs, e, ao contrário do que os praticantes atuais descrevem como limitada, castradora e utilizada só para orientais que baixam a cabeça para tudo, era uma disciplina que auxiliava na formação da personalidade do praticante, auxiliava no desenvolvimento da chamada vontade e da moral, a qual complementamos com os termos, desenvolvimento da força de vontade, da persistência, do espírito vencedor, enfim de um bom caráter. (SANTOS, 2006, p.118)

Quando falamos de campeões falamos muitas vezes de lutadores de judô e não de judocas, falamos de homens e mulheres que praticam o judô por desempenho físico. Aliar a pratica educativa/formativa do judô à pratica competitiva deveria ser o fator norteador de toda essa pedagogia envolvida, já que se levarmos um dos princípios de Jigoro Kano ao pé da letra onde diz da pratica em busca do beneficio mutuo estaríamos formando aqueles que ao serem campeões nas disputas também o seriam na vida

A essência de ser judoca é ser humilde é dar de si e saber tirar das máximas e dos princípios o valor necessário para tornar nobre os teus atos, os teus dizeres e ao fim de sua trajetória competitiva ou de aprendizagem no dojo, perpetuar a sua caminhada e não limitar

o teu momento ao simples fato de que o praticante esta ali em presença, quando isso não for mais possível a dignidade ficara e o exemplo será o precedente de tudo o que se passou, SANTOS (2006) nos serve como guia novamente neste momento citando:

[...] a importância e contribuição de formarmos judocas e não apenas lutadores de Judô, pois o primeiro fica para sempre e o último é como todo atleta de esportes de competição, tem vida útil limitada. (SANTOS, 2006, p.118)

A diferença de culturas ou de pelo menos do entendimento dessas também pode ser citado como fator de conflito do que seria o tradicional com o que é atual, já que em inúmeros casos podemos mencionar o fato de que muitos praticantes não entendem ou não adotam os pressupostos orientais, por não estarem interados dos mesmos ou por não terem sido preparados para tanto, isso influi de maneira latente na persistência e na presença de muitos aspectos úteis para o desenvolvimento de um judô essencial, retornando a SANTOS (2006) quando cita em seu trabalho BORGES (2003, p3), onde salienta de forma lúcida os alicerces de criação do judô, geradores de mutação do entendimento do judô ao praticante não entendedor de todas essa gama de conhecimentos.

“O Judô foi pautado em valores éticos e humanitários profundos, os quais buscam uma prática de equilíbrio entre corpo e mente, esboçado na disciplina, nos movimentos harmoniosos da física cosmológica, no esquecimento do “eu individual”, na superação do aspecto marcial, na fraternidade, no desenvolvimento do interior, na estética e eficiência, na superação da força, dentre outros princípios antigos e firmemente alicerçados na cultura milenar japonesa, por que não dizer dos mestres orientais” (p.116).

Diante disso muitos mestres ensinam o judô se preocupando apenas em dar o aporte técnico e físico, se preocupando em somente ensinar a ação motora e por os discípulos/alunos a executar e reproduzir aquilo sem antes explicar as causas e feitos as razões e as necessidades daquilo que esta sendo ensinado.

Outra confusão perniciososa ao judô é a efetuada por muitos de nos ocidentais entre espiritualidade e religião, tal ocorre por falta do alicerce teórico, aqui se encontra um fator complicante para a essência aplicável do judô, já que nesse momento o judô se propõe como caminho suave e da espiritualidade e não de uma religião. Acreditamos que o Judô não faz e nem exige de seu praticante que se torne um individuo budista ou seguidor de Confúcio ou ate mesmo induz o mesmo a desatrelar de sua vida cotidiana os ensinamentos de toda uma vida de religiosidade cristã.

Considerações Finais

Este trabalho procurou identificar qual o caminho o judô percorreu desde seu surgimento até hoje, e teve como premissa básica avaliar se as mudanças às quais o Judô foi submetido vieram a retirar a essência básica do mesmo ou se foi possível melhora-lo ao longo do tempo.

Foi possível identificar algumas contradições e detectar que muitas alterações impostas ao Judô foram causadoras de distúrbios técnicos, filosóficos e até mesmo de fundamentação de princípios, isso tudo nos induz a atribuir ao Judô a definição de apenas uma modalidade esportiva e não somente uma arte marcial, pois identificamos que ao criá-lo Jigoro kano deu a sua criação uma gama de regras e normas que possibilitavam a pratica

das disputas, isso não tira do Judô o sufixo “DO”, porém o caminho ao que se refere o sufixo já não é mais a trilha da essência há muito tempo.

As medalhas são o principal intuito de grande parte dos praticantes do Judô, dizemos praticantes pois, é difícil definir se hoje existem mais Judocas - o ideal – ou se existem mais lutadores de Judô – a perda da essência – aqui um ponto crucial de nossas considerações finais, pois retomando ao ideal de Kano, a judoca seria um indivíduo que faria do Judô seu instrumento de aperfeiçoamento integral e não apenas como meio de se afirmar enquanto atleta integrante de todo um aporte estrutural, aporte este existente no esporte moderno.

Portanto o Judô não pode ser tratado como arte marcial enquanto a sua essência não for resgatada e seus princípios tomados ao pé da letra por grande parte daqueles que o levam como profissão ou como meio de aprimoramento. Entendemos que o equívoco ao citar o Judô como arte marcial já vem do momento de sua criação, pois arte marcial não se atem a regras de disputa e tão logo não se organiza em razão destas, isso ocorre sim conforme a teoria do processo civilizador aos chamados esportes de combate.

Referências

BORGES, Odair. O Judô Moderno. Disponível em: <http://www.judobrasil.com.br/2007/divulg336.htm>. Acessado em 03 Agosto 2007.

DEL VECCHIO, F.B & MATARUNA, L. Jigoro Kano e Barão De Coubertin: nuances de um pré olimpismo no oriente. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 68 - Enero de 2004.

ELIAS, Norbert. & DUNNING, E. A Busca da Excitação. Lisboa : DIFEL, 1985.

Judô. Disponível em www.wikipedia.org, acessado em 30 de abril de 2008.

PERCIÚNCULA , Júlio César Bueno. A Segunda morte de Jigoro Kano: breve (re) leitura da história do Judô moderno. II Congresso Latino Americano X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física e Dança. 2005.

PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Processo civilizador e as artes marciais coreanas: possíveis aproximações. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR, 10, 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007.

RIOS, G. B. O processo de esportivização do Taekwodo. Revista Pensar a pratica da UFG. Volume 8; N° 1 ano 2005.

SANTOS, S.G. Onde Está o Caminho Suave?. Resta Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Hu.,mano. Ano 08; Volume 01; 2006.

SILVA, C.C., VIANNA, J.A. e RIBEIRO, C.H.V. O processo de esportivização do Taekwodo. <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 108 - Maio de 2007.

STAREPRAVO, Fernando E NUNES, Augusto Ricardo Sonoda. Surgimento do esporte e o processo civilizador, 2005. Disponível em <http://www.gpreve.cbmerj.rj.gov.br/>, acessado em 30 de maio de 2007.